

Apresentação

Igor José de Renó Machado

Entre 2004 e 2011 coordenei um grande projeto sobre a emigração valadarense, voltado especialmente às famílias que permanecem no Brasil enquanto alguns de seus membros partem para a aventura migratória. Esse projeto, que contou com financiamentos do CNPq e da Fapesp, gerou iniciações científicas e dissertações de mestrado, além de vários artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais. Com o encerramento do projeto, consideramos fundamental a reunião de suas principais conclusões neste livro que apresentamos, pois, entre republicações de artigos e apresentação de dados inéditos, seria importante compartilhar o panorama do conjunto de questões que nos preocuparam ao longo desses sete anos.

Valadares foi nosso laboratório de pesquisa e de formação de pesquisadores, e, como tal, este é um livro coletivo. As pesquisas que geraram os textos, apresentados aqui em capítulos, foram feitas por alunos e jovens pesquisadores, sempre referenciados como coautores dos trabalhos, os quais muitas vezes se originaram de relatórios de iniciação científica.

Muito já se escreveu sobre a migração valadarense,¹ em vários aspectos, em bibliografia facilmente disponível. Dada a dimensão conhecida da migração valadarense em seus aspectos macrossociológicos e mesmo etnográficos, decidimos trabalhar sobre uma dimensão menos explorada, focando no parentesco, nas relações com Portugal, nas crianças e na “saúde” das mulheres. A partir desses temas, esperamos contribuir com novos dados e reflexões para um fenômeno vastamente conhecido, mas ainda com muito a ser explorado.

As questões que tomamos giram em torno da pergunta sobre como aqueles que não partiram vivem a migração. Vimos que todo o fenômeno migratório se construiu em torno de projetos familiares, que aqui investigamos sob a ótica do parentesco, e, como tal, as pessoas que ficam têm tanta importância como as pessoas que partem. Tratamos de projetos de migração que são familiares, que pressupõem pessoas que partem e pessoas que ficam, visando uma futura reunião em melhores condições de vida. Nem sempre isso acontece, o que nos levou a considerar a migração como um risco à própria família. Essas relações entre parentesco e migração em Valadares ocupam os primeiros três capítulos.

Investigando as famílias em Valadares, procuramos dar conta de uma movimentação que se dirige a Portugal, que aparecia, à época da pesquisa, como alternativa aos peri-

1 Ver, por exemplo, os trabalhos de Gláucia Assis, Suely Siqueira, Wilson Fusco, Valéria Scudeler, entre muitos outros.

gos da migração clandestina para os EUA. O nosso interesse voltou-se para explicar como o parentesco em Valadares de alguma forma moldava a produção de diferencialidades (MACHADO, 2010) brasileiras imigrantes em Portugal. Ou seja, a forma de organizar a vida em Portugal só poderia ser entendida a partir de uma reflexão sobre os projetos familiares que produziram essa movimentação. O terceiro capítulo se preocupa em dar conta dessa relação entre Portugal, migração valadarense e produção de diferencialidades.²

Por fim, no último capítulo, apresentamos uma discussão sobre dois temas muito importantes para aqueles que participam dos projetos migratórios e permanecem em Valadares: a questão das crianças e a questão da saúde. As crianças, os filhos que se veem longe de um ou dos dois pais, exigem uma atenção especial da nossa reflexão, por serem uma espécie de ponto de inflexão do projeto migratório: para eles é constituído um projeto de melhoria de vida, mas sobre eles recai grande carga emocional, dada pelos longos períodos de separação. A questão da saúde é a outra ponta do problema

2 As diferencialidades são formas alternativas de pensar a produção de diferenças. Evitamos o uso da categoria “identidade”, que acaba sempre remetendo a uma imaginação reificada de um grupo social. O conceito de diferencialidades propõe a multiplicidade das experiências vividas em conjunto como o motor de produção de códigos e moralidades em comum, sempre sujeitas aos imponderáveis da vida social. As diferencialidades são emaranhados de experiências, que acabam sendo autorreferentes, de alguma maneira.

migratório, já que tratamos principalmente da saúde das mulheres (esposas cujos maridos migraram). Constantemente tida como um problema do ponto de vista das estruturas de poder local, tentaremos aqui acrescentar o ponto de vista das famílias sobre esse cenário.

Os textos foram reescritos por mim, a partir de determinadas perspectivas que ficarão claras ao longo do texto. O livro aparece, portanto, como o resultado efetivo de uma troca entre as experiências de campo e inquietações dos pesquisadores e as minhas perspectivas como orientador de todas as pesquisas, olhando para o conjunto dos textos numa posição privilegiada. Apresentamos, assim, um conjunto de descrições que pode ajudar a pensar o período da emigração brasileira que vai de meados dos anos 1980 até a primeira década dos anos 2000.

REFERÊNCIAS

MACHADO, I. J. R. Reordenações da Casa no contexto migratório de Governador Valadares, Brasil. *Etnográfica*, Lisboa, v. 14, p. 5-26, 2010.